



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

JOÃO MARCOS DUARTE MILANI

“Para eles, somos apenas uns árabes”: identidade e naturalização de jogadores franco-
africanos na Copa do Mundo de 2022



Florianópolis

2023

João Marcos Duarte Milani

“Para eles, somos apenas uns árabes”: identidade e naturalização de jogadores franco-africanos na Copa do Mundo de 2022

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Geografia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Orientador(a): Prof.(a) Dr.(a) Maria Helena Lenzi



Florianópolis

2023

Milani, João Marcos

“Para eles, somos apenas uns árabes”: identidade e naturalização de jogadores franco-africanos na Copa do Mundo de 2022 / João Marcos Milani ; orientadora, Maria Helena Lenzi, 2023.

47 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em Geografia, Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

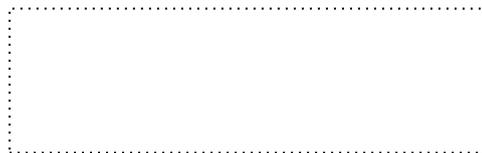
1. Geografia. 2. Copa do Mundo de 2022; franco-africanos; xenofobia. I. Lenzi, Maria Helena. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Geografia. III. Título.

João Marcos Duarte Milani

“Para eles, somos apenas uns árabes”: identidade e naturalização de jogadores franco-africanos na
Copa do Mundo de 2022

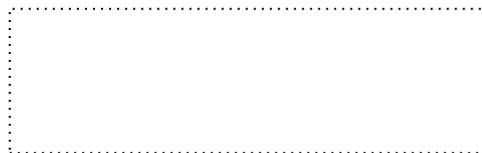
Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de bacharel e
aprovado em sua forma final pelo curso de graduação em geografia.

Florianópolis, 12 de dezembro de 2023.



Coordenação do Curso

Banca examinadora

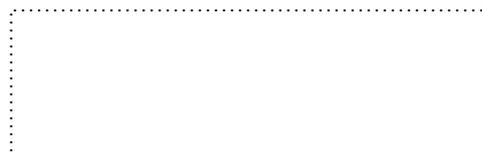


Profa. Dra. Maria Helena Lenzi

Orientador(a)



Prof. Dr. Clécio Azevedo da Silva
Universidade Federal de Santa Catarina



Prof. Dr. Willian Luiz da Conceição
Universidade Federal de Santa Catarina

Florianópolis, 2023.

à Ilha que, nas profundas estórias,
me fez apaixonado pela
mais velha das histórias, a migração

AGRADECIMENTOS

Um agradecimento especial à minha orientadora, Malena, que esteve presente desde o primeiro semestre da minha graduação e que me inspirou com seus trabalhos e leituras críticas das unidades da geografia. Um abraço forte a todas as pessoas que passaram por mim na Ilha de Santa Catarina, tanto no ambiente universitário quanto fora dele. Jamais imaginei, quando decidi prestar vestibular para longe da minha cidade, que essas pessoas me tornariam tão grande e perceber o simples. De uma solidão inicial da migração para um amplo afeto que, em suas diferentes formas, me fez sentir acolhido, em um estado mais pleno possível.

E um último agradecimento às pessoas espalhadas por tantos cantos: Meus amigos de São Paulo, que tanto se fizeram presentes mesmo longe. À minha amiga Nina, pelo companheirismo no processo inicial deste trabalho. Aos colegas da NSC TV, que me ajudaram na apuração de dados, na correção e revisão, especialmente à minha amiga Nádia, que faz como ninguém faz. À minha irmã, Luisa, que mesmo no exterior fazendo doutorado, me ajudou nas correções iniciais. Ao meu pai pelos conselhos e que, mesmo não sendo fã, me levava para ver jogos no estádio quando criança. E à minha mãe, que recentemente me mandou uma foto que resume bem a história:



1999, Celina Duarte, grávida de mim
em sua defesa do doutorado.

RESUMO

Objetivando analisar a mudança de perfil dos jogadores franco-africanos nas seleções africanas na Copa do Mundo de 2022, procuro compreender a relação das problemáticas pós-coloniais entre os países africanos e a França, e como isso influencia a composição das seleções africanas de futebol na Copa do Catar. Exploro os motivos pelos quais os jogadores franco-africanos estão fazendo uma diferente escolha de nacionalidade comparado com as últimas edições do evento: optam jogar pelos países africanos, possibilitado pelas ligações paternas e maternas, ao invés de jogar pela seleção francesa. Neste trabalho, identifico os jogadores de nacionalidade franco-africana que jogaram a vigésima segunda edição do torneio por seleções africanas, e investigo, a partir de matérias jornalísticas, trabalhos acadêmicos, casos de xenofobia, e declarações públicas de atletas, a relevância da xenofobia no processo de escolha desses jogadores.

Palavras-chave: Copa do Mundo de 2022; franco-africanos; xenofobia

ABSTRACT

With the goal of analyzing the profile changes of French African players in African teams during the 2022 World Cup, this study seeks to understand the postcolonial dynamics between African countries and France, and how they influence the composition of African teams in the Qatar World Cup. I explore the reasons behind French African players opting for a different nationality compared to previous competitions: choosing to represent African teams based on maternal and paternal connections rather than the French national team, through an examination of news articles, academics works, cases of xenophobia, and public statements by players, this investigation identifies French African players who participated in the World Cup as part of African teams and investigates the relevance of xenophobia in their decision-making process.

Keywords: 2022 world cup, French Africans; xenophobia.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Jogadores com dupla nacionalidade no time da França.....	17
Figura 2 - Hakimi recebendo um beijo de sua mãe após a classificação de Marrocos para as semifinais da competição	18
Figura 3 - Boufal dançando com sua mãe após classificação para as semifinais.	19
Figura 4 - Jogadores de dupla-nacionalidade do Marrocos.	19
Figura 5 - Declaração de Jorginho para o “Players Tribune”	24
Figura 6 - Jogadores naturalizados divididos em três categorias: Ancestralidade (azul), migração natural (verde) e migração por motivos profissionais (amarelo).	27
Figura 7 - População muçulmana na Europa	31
Figura 8 - Os diferentes tipos de véus islâmicos.....	34
Figura 9 - Capa do “Nouvel Observateur”, 16 de julho de 1998. Na imagem, Karembeu, Zidane e Emmanuel Petit.	39

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Número de jogadores atuando por cotinentes aos quais foram naturalizados nas Copas do Mundo de 1998 a 2022.	20
---	----

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Evolução no número de jogadores naturalizados nas Copas do Mundo de 1998 a 2022.....	20
Gráfico 2 - Franco-Africanos na Copa do Mundo de 2014, 2018 e 2022.	33

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. COPA DO MUNDO.....	16
2.1 SELEÇÕES AFRICANAS E OS ATLETAS NATURALIZADOS.....	17
2.2 POR QUE TANTOS NATURALIZADOS?.....	20
2.2.1 <i>POLÍTICAS DE NATURALIZAÇÃO</i>	21
2.2.2 <i>MEDIDAS FINANCEIRAS</i>	23
2.2.3 <i>OPORTUNIDADE DE PARTICIPAÇÃO</i>	23
3. SELEÇÕES AFRICANAS E DENTIDADE	25
3.1 O “OUTRO” NO FUTEBOL	27
4. CASO FRANCÊS.....	31
4.1 FRANCO AFRICANOS	32
4.2 XENOFOBIA NA FRANÇA.....	34
4.3 “BLANC, NOIR ET BEUR”	38
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS.....	45

1. INTRODUÇÃO

O futebol, esporte mais praticado do mundo, tem uma história antiga e diversa, mas começou a ter realmente uma estruturação e maiores delimitações na Inglaterra, na segunda metade do século XIX, com as primeiras regras encabeçadas pela Universidade de Cambridge, em 1848, as chamadas *Cambridge Rules*. Em 1857, é formado o primeiro clube de futebol do mundo, o *Sheffield Football Club*, na cidade de mesmo nome, que também tinha um próprio regulamento. Ambas as regras não foram de fato regulamentadas, mas influenciaram a criação das regras oficiais, em 1863, com a *Football Association* (FA), em Londres.

O esporte britânico cresceu virando um entretenimento para a classe trabalhadora no Reino Unido. De acordo com Stédile (2013, p. 16):

Inicialmente, um esporte de elite, praticado em colégios tradicionais, em partidas cheias de solenidades, disputadas por cavalheiros. Em sentido oposto, vindos do campo, formando e engrossando os bairros e cidades industriais, os operários foram responsáveis por retirarem a prática do esporte dessa exclusividade elitista, para popularizá-lo, difundi-lo e incorporá-lo como parte de uma cultura proletária, ocupando o tempo livre do operariado, como prática ou como tema das discussões de mesas de bar.

O futebol se expandiu, atravessou os mares, chegando às ex-colônias, como é o caso dos países africanos, em maioria, mas também em países que não eram colônias, e que tinham dívidas externas e relações comerciais próximas com países europeus.

No caso de países africanos, as relações coloniais e trocas culturais eram muito presentes, principalmente em países portuários, onde o futebol começa aparecer justamente nos portos, emergindo assim laços culturais, através do esporte, entre metrópole e colônias. O esporte foi se desenvolvendo atrelado aos empreendimentos tanto estatais como privados, que incentivavam o esporte, também com a intenção de controlar as relações trabalhistas; bem como, junto às missões religiosas pelo interior, propagando o tripé: educação, disciplina e atividade física. Complementado a isso, no caso de Portugal, como aponta Melo (2017, p.142):

A priori o esporte foi difundido fortuitamente através dos administradores coloniais, comerciantes, missionários, imigrantes de toda sorte, sendo incorporado paulatinamente às práticas cotidianas da população local. A partir daí é que ele foi usado pelos colonialistas para impor sua posição hegemônica, a serviço das suas intenções. Por exemplo, em Moçambique, o futebol foi apresentado pelos missionários católicos, sendo estruturado para refletir e reforçar o controle colonial.

O esporte evoluiu na África, mas as relações coloniais se mantiveram, de acordo com as teorias pós-coloniais, como explicado por Edward Said (1976). Mas o futebol é uma possibilidade de desafiar o *status quo* da ordem colonial, apropriando as formas

organizacionais do exterior e aspirando vencer os colonizadores no seu próprio jogo, produzindo simultaneamente, novas identidades para si (Melo, 2017). Um exemplo disso, como citado pelo mesmo autor, são os torcedores de Camarões na Copa do Mundo de 1998, quando no decorrer de todo o torneio, a maioria dos camaroneses estava, explicitamente, torcendo contra os franceses, seus antigos colonizadores.

A Copa do Mundo é um bom exemplo dessas relações de conceitos que perpassam o esporte. No mundial de 1986, no México, uma partida das quartas de final ficou para história: Argentina e Inglaterra. Um jogo marcado pela tensão da Guerra das Malvinas, em 1982, entre as duas nações, em que Diego Maradona, principal jogador argentino da época, comandou a vitória com dois gols históricos: *La mano de Dios* e o gol do século. A bola é o objeto de disputa, que simboliza muitas vezes o sentimento de uma nação “não estávamos nos vingando, mas representando todo o povo argentino, e principalmente as famílias que tiveram de alguma forma prejuízos com essa guerra maldita” (Maradona by [...], Kusturica, 2008).

Os fatores culturais se associam aos políticos, sendo uma soma de conhecimentos e valores de um indivíduo ou de uma população. No caso argentino, a morte de civis em uma guerra por território faz com que as Malvinas passem a ter um caráter simbólico, seja em uma partida de copa do mundo ou caminhando nas ruas de Buenos Aires. A cultura se preenche com dinamismo e simbolismos.

O Mundial de futebol é um momento propício a se pensar as questões de nacionalismo, pois, para o senso comum, já ficou caracterizado como o rótulo identificador de uma nação que aparece quadrienalmente. É o período em que “[...] a imaginária comunidade de milhões parece mais real na forma de um time de onze pessoas com nome. O indivíduo, mesmo aquele que apenas torce, torna-se o próprio símbolo da sua nação.” (Hobsbawn, 2011, p.171).

No caso da Geografia brasileira, tivemos alguns pesquisadores que abordam sobre futebol e geografia, porém nada muito numeroso, ademais Campos (2006) aponta que há muito a ser explorado pela ciência geográfica dentro do futebol:

[...] as possibilidades teóricas e metodológicas não se esgotam neste conceito. Há um caminho muito longo a ser traçado, pois o futebol é um tema complexo, repleto de variáveis, nuances, peculiaridades locais, regionais e nacionais, que merecem ser estudadas com maior atenção e afincado pela ciência geográfica (Campos, 2006, p. 13 *apud* Jacob, 2019, p. 10).

Considerando a dimensão espacial e política do futebol, e as relações possíveis entre este esporte e a Geografia, nesta pesquisa, abordarei um caso mais recente: a questão

identitária na Copa do Mundo de 2022. Nesta última edição da Copa, observei que grande parte da seleção de Marrocos era composta por jogadores não nascidos no país que estavam defendendo; ampliando mais essa percepção, vi que todas as seleções africanas tinham um perfil parecido em suas composições e indo mais além, notei que era a Copa com o maior número de jogadores com dupla-nacionalidade da história, concentrados principalmente nos times da Europa e da África. Também percebi que as relações pós-coloniais se correlacionam com esse fato: jogadores europeus, que são filhos ou netos de imigrantes de ex-colônias que foram tentar a vida na Europa, estavam jogando pelas seleções dos países de seus pais ou mães e não pelas dos seus países de nascimento.

A migração está relacionado a muitos dos ancestrais desses jogadores, visto que o fluxo migratório dos parentes passa pela oportunidade de trabalho e de melhora na qualidade de vida, porém muitas vezes acabam por viver em áreas marginalizadas, e de muita discriminação, seja pela cor, raça ou religião, como é o caso da dos franco-africanos, que, por essa ancestralidade, têm direito à dupla nacionalidade no esporte, podendo escolher qual seleção defender, a dos pais ou a do seu país de nascimento.

A princípio, faria mais sentido ter mais atletas de dupla-nacionalidade na Europa, porém a África supera a Europa em números, sendo a grande maioria, praticamente 62%, e o motivo principal disso, que defendo nesta pesquisa, é o fator da identidade. Esses jogadores podem até ter nascido na França, mas para uma boa parcela da sociedade francesa eles são “apenas uns árabes” (Bellaid, 2010), evidenciando uma constante xenofobia e racismo frente à população filha de imigrante na França. Para tentar comprovar a relação entre discriminação e identidade, analiso matérias jornalísticas, trabalhos acadêmicos, casos de xenofobia do Estado francês e da população francesa, declarações públicas de atletas e a relevância da xenofobia no processo de escolha desses jogadores, bem como apresento e analiso os dados quantitativos dos jogadores naturalizados.

OBJETIVO

Analisar a mudança de perfil dos jogadores franco-africanos nas seleções africanas na Copa do Mundo de 2022.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Compreender como as problemáticas pós-colônias influenciam a composição das seleções africanas de futebol na Copa do Catar;
- Identificar os motivos pelos quais os jogadores franco-africanos estão fazendo uma diferente escolha de nacionalidade;
- Analisar a relação da xenofobia com o processo de escolha do jogadores franco-africanos.

2. COPA DO MUNDO

A Copa do Mundo de 2022 foi a vigésima segunda edição do torneio internacional de futebol masculino, organizado pela Federação Internacional de Futebol (FIFA), que ocorreu no Catar, país do Oriente Médio. Foi a primeira edição disputada em território árabe e foi a última realizada no molde de 32 seleções.

A final foi marcada pelo confronto das duas maiores escolas continentais do esporte, América do Sul contra Europa. Um duelo entre a Argentina, que fazia 36 anos que não conquistava um título na competição, mas que tinha em time um dos melhores, se não o melhor, jogador da história, Lionel Messi, e a França, detentora do último título e comandada pelo, até então, jovem promissor Kylian Mbappé. As duas seleções entraram em campo com o mesmo objetivo: conseguir estampar na camisa da seleção nacional uma terceira estrela. A final foi acirrada, mas a vitória foi latino-americana e “*los hermanos*” ergueram o troféu.

Outro fato chama a atenção daquele time da França, 20¹ dos 26 jogadores eram atletas multiculturais (Figura 1), ou seja, nasceram na França, mas poderiam ter atuado por outro time, em grande parte, seleções africanas. Continente esse, que no recorte deste trabalho, chama a atenção nessa Copa, pelo mesmo motivo que a França; atletas de dupla-nacionalidade, só que de uma forma um pouco diferente.

¹ Karim Benzema estava inscrito, mas não disputou a Copa devido a uma lesão.

Figura 1 Jogadores com dupla nacionalidade no time da França.



Fonte: Globo Esporte, 2022.

2.1 SELEÇÕES AFRICANAS E OS ATLETAS NATURALIZADOS

A história das seleções africanas nas copas alcança os holofotes apenas recentemente, visto que a primeira campanha de destaque de uma seleção do continente foi em 1990 no mundial da Itália, com os “Leões Indomáveis” da seleção de Camarões, chegando nas quartas de final da competição. Posteriormente, vimos em 2002 a estreade em copas do mundo, Senegal, chegar até as quartas também, e duas Copas depois, na África do Sul, a aguerrida seleção ganense chegou ao mesmo patamar, perdendo para o Uruguai, em uma partida

dramática decidida nos pênaltis.

Figura 2 - Hakimi recebendo um beijo de sua mãe após a classificação de Marrocos para as semifinais da competição.



Fonte: Globo Esporte, 2022.

Nesse recorte, de aproximadamente 30 anos, a atuação das seleções africanas é expressiva, porém em um recorte maior há muitas lacunas para o verdadeiro velho continente. A primeira participação foi tímida, em 1934, na Itália, onde os egípcios eram a bola da vez do continente, mas não passaram da fase de grupos. Vale lembrar que grande parte da África não era independente antes da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), tornando-se independente apenas na segunda metade do século. Por conta disso, o segundo representante demorou a aparecer, apenas em 1970, no México, com a seleção de Marrocos, uma federação importante para o presente trabalho. A campanha marroquina não foi um sucesso, porém foi um progresso.

A partir da Copa do México, as seleções africanas participaram de todas as edições, e na última, 2022, contamos com a campanha mais vitoriosa da história da África, 6 vitórias, e, pela primeira vez, todas as seleções comandadas por técnicos africanos, que dirigiram as seleções de Tunísia, Senegal, Gana, Camarões e Marrocos, sendo este último o grande destaque. Os marroquinos conquistaram o quarto lugar, batendo de frente com Croácia e Bélgica nas fases de grupos, eliminando Portugal e Espanha no mata-mata, e lutando até o final dos 90 minutos contra a França nas semifinais. A melhor campanha da história de uma seleção africana em Mundiais de futebol (Figura 2 e 3).

O sucesso esportivo de Marrocos perpassa por diversos fatores, mas um em especial é a questão da dupla nacionalidade, metade do time era composto por jogadores nascidos na Europa, mas que, diferentemente dos franceses, optaram por jogar por seleções africanas. Jogadores do mais alto nível técnico, desenvolvidos nas melhores categorias de base da Europa. Jogadores como Achraf Hakimi, nascido na Espanha, Hakim Ziyech, nascido na Holanda, e mais outros

12 jogadores, de nacionalidades diversas como francesa, inglesa, belga e italiana, mas com mães e/ou pais marroquinos, que migraram para países da Europa (Figura 4).

Figura 3 - Boufal dançando com sua mãe após classificação para as semifinais.



Fonte: UOL, 2022.

jogadores que jogaram a final contra a Argentina. Jogam pela França, mas poderiam jogar por uma seleção africana, o que se percebe é que começou a haver um movimento contrário dessa preferência.

Outro ponto importante, a Copa de 2022 foi a que contou com o maior número de jogadores naturalizados da história, ao todo 137. E mesmo que no Catar tenham participado mais jogadores do que de costume devido à alteração no número de convocações possíveis, a porcentagem também aumenta de forma considerável, 5% por cento a mais do que na Copa da Rússia, em 2018.

Se ampliarmos a análise, as seleções africanas em geral têm um perfil parecido. Ao todo participaram 130 jogadores africanos, em que, 55 destes (≈42%) eram naturalizados, ou seja, só a África, na Copa de 2022, conseguia formar dois times inteiros com jogadores naturalizados. Uma tendência gradual no continente, se compararmos aos números das copas ocorridas entre 1998 e 2022 (Tabela 1).

Em 2022, em números totais, a África teve a maior diferença em comparação com a Europa em números totais, que até 2018 tinha muito mais jogadores euro-africanos que optaram por jogar pelas seleções europeias, como é caso dos

Figura 4 - Jogadores de dupla-nacionalidade do Marrocos.



Fonte: Globo Esporte, 2022

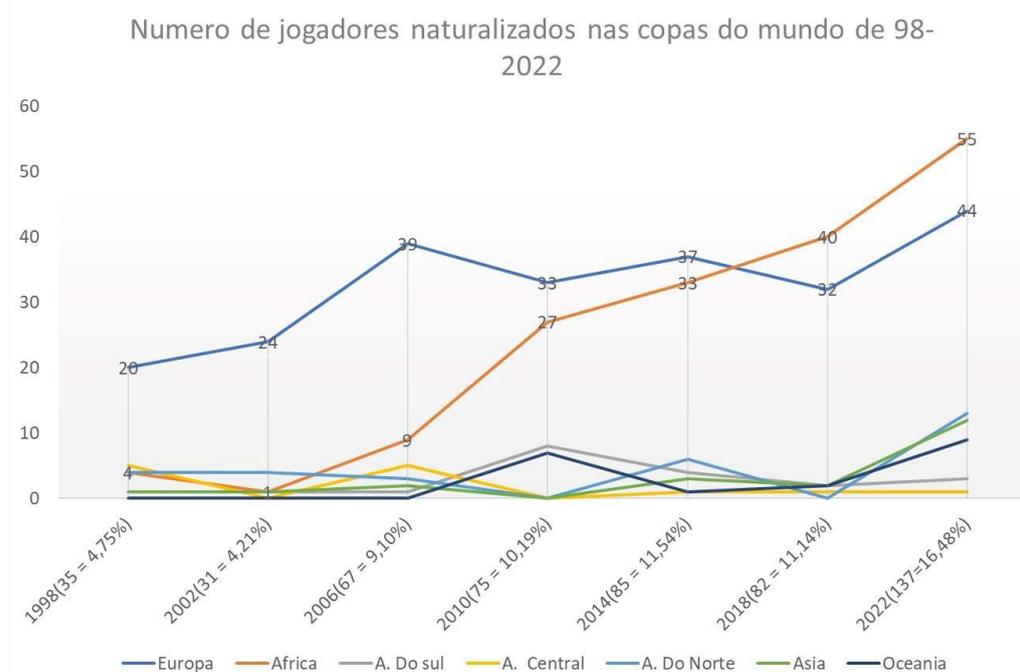
Tabela 1 - Número de jogadores atuando por cotinentes aos quais foram naturalizados nas Copas do Mundo de 1998 a 2022.

	Europa	Africa	A. Do sul	A. Central	A. Do Norte	Asia	Oceania
1998(35 = 4,75%)		20	4	1	5	4	1
2002(31 = 4,21%)		24	1	1	0	4	1
2006(67 = 9,10%)		39	9	1	5	3	2
2010(75 = 10,19%)		33	27	8	0	0	0
2014(85 = 11,54%)		37	33	4	1	6	3
2018(82 = 11,14%)		32	40	2	1	0	2
2022(137=16,48%)		44	55	3	1	13	12

Fonte: elaboração própria.

2.2 POR QUE TANTOS NATURALIZADOS?

Gráfico 1 - Evolução no número de jogadores naturalizados nas Copas do Mundo de 1998 a 2022



Fonte: Elaboração própria

Os motivos para que praticamente 1/3 da Copa esteja representada por atletas de dupla nacionalidade são diversos e concomitantes. Algumas questões podem se tornar mais complexas, por exemplo, o motivo do acréscimo de 5% em 4 anos, ou ainda a inversão visível no Gráfico 1. Esse fato poderia ser explicado tanto por um crescimento do futebol africano nos últimos anos quanto pela influência da Lei Bosman², que

² Um dos fatos que contribuem para aumentar a presença de jogadores estrangeiros entre as seleções europeias pode ser encontrado nos efeitos produzidos pela lei *Bosman*, de 1995. Essa lei foi criada pelo Tribunal de Justiça da União Europeia e aprovada em 15 de dezembro de 1995, entrando em vigor no mesmo ano. Em síntese, a

possibilitou que mais atletas estrangeiros jogassem nas ligas europeias. Mas também pode-se considerar essa mudança desde uma perspectiva política dos jogadores, considerando o maior acesso das pessoas a pautas sociais, como xenofobia e racismo, que são tipos de discriminação que abordo com mais atenção nesse trabalho. Para ter uma resposta definitiva sobre essa mudança, seria necessário realizar um questionário com os 137 jogadores e fazer uma análise muito maior. O foco neste trabalho, no entanto, é buscar entender os principais fatores para o maior número de naturalizados na Copa de 2022, que são eles, as políticas favoráveis de naturalização dos países e da FIFA, os programas políticos e de financiamento de algumas nações, oportunidade de trabalho, ou seja, a realização profissional e pessoal de participar da maior competição esportiva do mundo, e a questão de posicionamento político-identitário, como apresentarei brevemente nos subcapítulos a seguir. Como dito, todas podem estar acontecendo simultaneamente, porém quando jogadores dão declarações públicas e salientam que a identidade é o fator principal, a análise deixa de ser apenas especulativa, principalmente quando atrelado a dados quantitativos, como serão apresentados no texto.

2.2.1 POLÍTICAS DE NATURALIZAÇÃO

As políticas da entidade máxima do futebol, criada em 1904, alteraram-se muitas vezes ao longo das últimas décadas. No presente trabalho, utilizaremos o regulamento de setembro de 2022, considerando que a última edição da Copa do Mundo masculina foi disputada entre novembro e dezembro de 2022.

O primeiro regulamento da história do esporte contava com 13 regras e hoje é um documento com mais de 1200 páginas, que dentre os diversos temas, contém tópicos que dizem respeito à naturalização de jogadores e à dupla-nacionalidade e que nos interessam nesta pesquisa.

No século XX, atletas como Di Stéfano, jogador nascido na Argentina, tinham permissão para atuar pelas seleções de países onde trabalhavam, ou seja, se um jogador, nascido na França, jogasse por um clube brasileiro, ele poderia defender a amarelinha. Por isso, enquanto o Di Stéfano atuou pelo Milionário FC de Bogotá, pode jogar pela seleção da Colômbia, em 1949, e quando atuou pelo Real Madrid, pode jogar pela Espanha, em 1957. Antes Colômbia e Espanha, representou a sua seleção de país de origem em 1947.

Na Copa do Mundo de 1958 que vimos isso acontecer, com o João Altafini, o Mazzola, jogador que ficou muito conhecido pela conquista do primeiro título da seleção brasileira, porém durante aquela copa na Suécia, perdeu espaço para o jovem estreante Edson Arantes do Nascimento, o Pelé.

legislação iguala os jogadores profissionais europeus a qualquer outro trabalhador, permitindo a eles livre circulação na União Europeia. Após a lei, houve aumento da circulação dos jogadores entre os países europeus.

Depois desta Copa, Mazzola saiu do Palmeiras, time que foi consagrado ídolo, e foi atuar no futebol italiano, em times como Napoli e Milan e, por conta disso, veio a jogar pela seleção italiana em 1962.

Ambos os casos levaram a FIFA a definir que na Copa do Mundo de 1966 nenhum jogador que já tivesse atuado em partidas oficiais por uma seleção pudesse ser convocado por outra. As regras foram sendo flexibilizadas e as atuais estipulam que se um jogador de até 21 anos disputar no mínimo três partidas oficiais por uma seleção, não poderá atuar por uma diferente. O documento também compreende que o jogador já tem que ter a dupla nacionalidade no momento em que defender alguma seleção nacional. E a última partida pela seleção anterior, precisa ter ocorrido há pelo menos três anos. Essa regra não está relacionada a partidas amistosas, apenas a Copas do Mundo e copas continentais.

Para ter acesso à dupla-nacionalidade na FIFA é necessário ter os documentos que comprovem a “existência de uma conexão genuína entre o atleta e a federação que ele pretende representar” (FIFA, 2022, p.76), para evitar compra de nacionalidade de jogadores. O argumento de conexão genuína é separado em duas categorias principais: a primeira é ter vivido fisicamente no lugar por pelo menos 5 anos; para menores de 10 anos, o tempo mínimo é de 3 anos. Outra categoria é a de ancestralidade, que, dentre os requisitos, há uma menção a ter “mães ou pais biológicos” (FIFA, 2022, p.74-75) , ao invés de apenas mães e pais, sendo uma medida preventiva para casos de com jogadores jovens, que por vias legais possam ser adotados por um indivíduo de outro país, com o objetivo de mudar sua nacionalidade e tirar proveito financeiro do atleta.

A federação é um pouco menos rigorosa para casos de adoção. A nacionalidade de pais adotivos pode ser usada por um jogador se ele tiver sido adotado e se mudado para o novo país até os três meses de vida e seus pais biológicos precisam ter morrido. Todas essas regras perpassam as políticas de cidadania de cada país, que podem variar muito, como por exemplo a do Catar, que aproveitou as regras da Fifa para investir financeiramente no esporte. Um programa de financiamento atrelado à migrações de trabalho, ou seja, o país sondava jogadores de outros países para atuarem no futebol árabe, fazendo com que depois de tempo pudessem atuar pelo Catar na Copa do Mundo de 2022, formando assim um time competitivo.

2.2.2 MEDIDAS FINANCEIRAS

O segundo ponto que está presente nessa Copa do Mundo é em relação a seleção especificamente do Catar, que não se associa ao restante da pesquisa, mas considero importante, porque o país compreende uma quantidade significativa no total de naturalizados.

Todo país que sedia a Copa do Mundo tem direito a participar do evento. O Catar nunca havia competido no mundial até 2022 e, para tentar ser minimamente competitiva, preparou-se nos últimos anos para montar uma equipe, indo atrás de jogadores de outros países. Tudo conforme o regulamento de naturalização da FIFA, e as políticas de cidadania do país árabe.

Ao todo, 10 dos 26 atletas do Catar não nasceram no país, são eles: Boualem Khoukhi (zagueiro): nasceu na Argélia, Pedro Miguel "Ró-Ró" (zagueiro): nasceu em Portugal, Bassam Al-Rawi (zagueiro): nasceu no Iraque, Musab Kheder (lateral-direito): nasceu no Sudão, Karim Boudiaf (meio-campista): nasceu na França, Ali Assadalla (meio-campista): nasceu no Bahrein, Mohammed Waad (meio-campista): nasceu no Iraque, Almoez Ali (atacante): nasceu no Sudão, Mohammed Muntari (atacante): nasceu em Gana, Ahmed Alaaeldin (atacante): nasceu no Egito.

O Catar é a quarta seleção com maior número de naturalizações, perdendo apenas para as africanas Marrocos, Tunísia e Senegal, porém por motivos essencialmente diferentes. Em 2004, o governo do Catar investiu financeiramente em uma academia de futebol no complexo esportivo 'Doha Sports City', um projeto para impulsionar o futebol catari e entrar no mercado da bola. A Aspire Academy, centro de formação de atletas de alto rendimento do Catar, sondou diversos jovens aspirantes de vários cantos do mundo, levando-os para a academia para treinarem, finalizarem a formação escolar na capital Doha, e terem uma renda mínima. A partir disso, formaram-se atletas, começaram a jogar nos times do Catar, e depois ganharam a nacionalidade catari para assim disputarem a Copa do Mundo. Alguns conseguiram até mesmo atuar em clubes europeus, como o Villarreal da Espanha. Porém, esses jogadores que se naturalizaram, também abraçaram uma possibilidade de ascensão social, e profissional, que é a oportunidade de participação em uma Copa do Mundo.

2.2.3 OPORTUNIDADE DE PARTICIPAÇÃO

Um jogador de futebol sonha muitas vezes em disputar uma Copa do Mundo, ou qualquer outra competição internacional. Um caso que foi bastante comentado no Brasil alguns anos atrás foi do atleta Jorginho, campeão italiano pela Eurocopa de 2021, que nasceu em Imbituba, Santa Catarina. Dada a falta de oportunidade na seleção brasileira, o jogador

acabou se naturalizando italiano para poder atuar por uma seleção nacional. Segundo o jogador em entrevista para o Globo Esporte (2021):

Defender a Itália é muito especial pra mim. Foi fácil optar pela Itália ao invés do Brasil, que nunca me deu a chance de realizar o meu sonho. A Itália me escolheu para jogar por eles, apesar de eu ter nascido em outro país. Isso significa muito pra mim. O meu avô era italiano, o que me credenciou a defender o país. Eu me sinto italiano. Eu passei quase metade da minha vida aqui. A cada dia eu amo mais e mais esse país (Globo Esporte, 2021) (Figura 5).

Figura 5 - Declaração de Jorginho para o “Players Tribune”.

Jorginho explica escolha pela Itália: "Brasil nunca me deu a chance de realizar meu sonho"

Volante brasileiro naturalizado italiano escreve texto para o "Players Tribune", em que conta sobre as dificuldades no início da carreira, a experiência no Napoli e a recuperação da Azzurra

Fonte: Globo Esporte, 2021.

A Itália conseguiu ser campeã da Eurocopa daquele ano, com atuações impecáveis do ítalo-brasileiro, sendo até mesmo cotado, em 2021, na premiação de melhor jogador do mundo, porém a Azzurra³ não conseguiu se classificar para a Copa do Mundo de 2022, devido às derrotas nas eliminatórias. Controvérsias do futebol, porém o exemplo se torna importante.

Um exemplo de um atleta que disputou a Copa do Catar, e que reitera essa questão de oportunidade de participação, é o argentino Rogelio Funes Mori, que jogou alguns jogos pela seleção argentina, mas o tempo foi passando e ele acabou deixando de ser cotado para a seleção principal. O atleta jogou pelo Monterrey do México, e após cinco anos atuando por lá, veio a oportunidade de atuar pela seleção mexicana, que após a Copa afirmou ao Jornal AS (2022): “Sou elegível para seleção, continuo treinando, continuo fazendo coisas para que em algum momento [posso ser convocado]. Nunca se sabe o que pode acontecer, ainda quero estar na seleção [mexicana]” (Mori, 2022, online).

Esse caso e o do Catar, tratam de questões que envolvem o que a revista Vox, em seu texto “*How immigration made the world cup 2022*”, denominou “migrações naturais”, porém os dados não mentem, mais de 70% dos naturalizados têm ancestrais que são dos países que se naturalizaram, que se diferem de apenas uma “oportunidade de participação”.

³ Apelido da Seleção Italiana de Futebol que significa azul devido ao uniforme do time

3. SELEÇÕES AFRICANAS E IDENTIDADE

O quarto grande fator é o que considero mais relevante para a pesquisa, a questão identitária desses jogadores, visto que grande parte dos atletas europeus descendentes não escondem suas múltiplas identidades. Estes jogadores pertencem a diferentes culturas, mas se sentem mais representados quando vestem as cores das seleções dos seus antepassados. Vermeulen (2001) define esse sentimento como identidade étnica que é quando:

Os indivíduos incluem-se em diferentes comunidades, grupos ou categorias (de pessoas) e têm, assim, diversas identidades sociais. Estas podem basear-se, entre outros atributos, no sexo, na classe, na idade e na profissão. Uma identidade étnica diferencia-se destas identidades sociais pela convicção de que se possui uma ascendência, uma história e uma herança cultural comuns, por exemplo, a língua e a religião: o que conta é sobretudo a convicção, a crença (Vermeulen, 2001, p. 24. *apud* Freitas, 2019, p. 107).

Com base na ascendência, história e uma herança cultural comum, é possível realizar um paralelo com muitos jogadores que atuam no futebol europeu, a partir das declarações públicas e entrevistas desses atletas que evidenciam uma relação muito mais profunda do que apenas uma “oportunidade de participação”, e que até mesmo negam que esse motivo seja o principal.

Amine Harit é um franco-marroquino, nascido na cidade francesa de Pontoise, mas começou a carreira nas categorias de base do tradicional FC Nantes. Harit defendeu a seleção de base francesa em diversas categorias em 2016, faturou sua única taça, até então, a Euro 2016 sub-19, com uma excelente participação do meio-campista, porém alguns meses depois, já em 2017, se naturalizou marroquino. Em uma leitura mais superficial, poderia argumentar que teria sido um movimento para participar da Copa do Mundo de 2018 no ano seguinte, já que aquela seleção francesa, que foi inclusive campeã do evento, era uma seleção muito concorrida, e de difícil convocação, seria então mais fácil jogar por Marrocos, porém o meia campista, quando perguntado sobre isso, salienta que não é exatamente isso, e elabora:

Eu amo a França. Isso me deu tudo na minha vida. Mas Marrocos Marroquinos, esse também é o meu povo. Sinto esta ligação ao país que não consigo explicar totalmente. A França me deu muito, mas minha família é tudo para mim. E eles são marroquinos. Os meus avós, tias, tios, primos – muitos deles ainda vivem em Marrocos. Então, quando tive que escolher para quem queria jogar, me senti em dívida com essas pessoas. Lembra como eu disse que tinha mentalidade de rua? Demora muito para eu me emocionar. Mas quando joguei pela seleção nacional no verão passado e vencemos a Costa do Marfim por 2 a 0 para nos classificarmos para a Copa do Mundo... chorei. Eu realmente fiz. Muito. Lágrimas de alegria. E quando voltamos ao Marrocos, o apoio que tivemos quando desembarcamos foi tão, tão incrível. Nunca vi nada parecido em minha vida. Eu quero isso de novo. Eu quero isso um milhão de vezes. Quero levar alegria ao Marrocos.

Tudo o que faço é pela minha família. E se você é do Marrocos, você é minha família (Harit, 2019, The Players Tribune, tradução nossa).

Infelizmente, Harit não foi convocado para a Copa de 2022, porém os seus ex-companheiros de seleção Hakimi e Ziyech, que foram grandes destaques da Copa do Catar, têm discursos parecidos. O primeiro é hispano-marroquino e o segundo marroquino-neerlandês. São craques que muito provavelmente poderiam jogar nos times titulares pela Espanha ou Holanda, porém falaram aos portais duas frases relevantes de Hakimi e Ziyech, respectivamente:

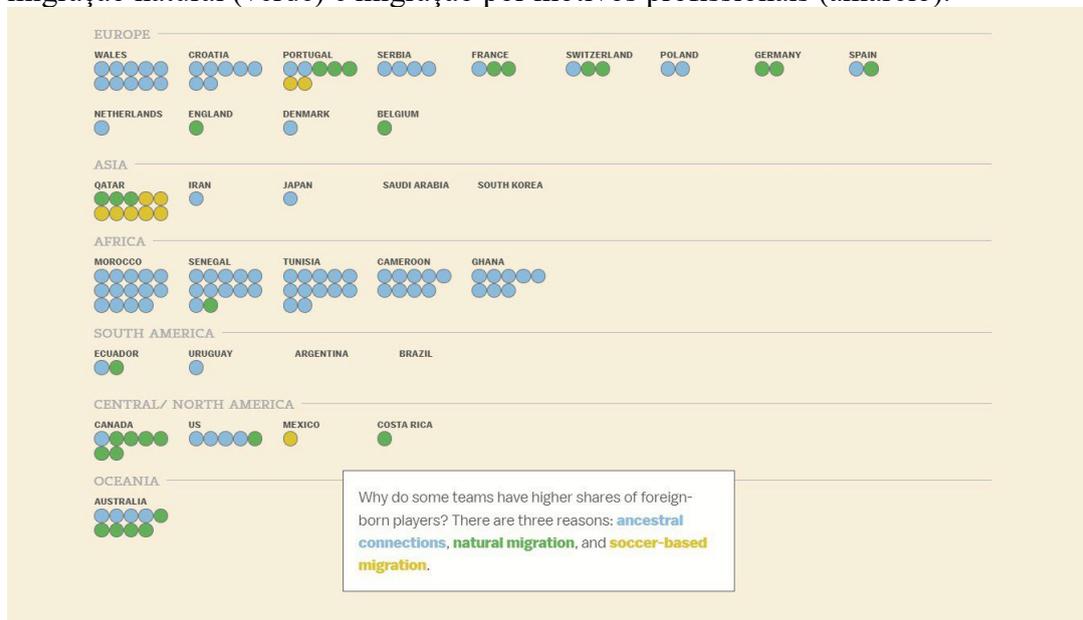
Senti que não era o lugar certo para mim, não me sentia em casa. Não era por nada em particular, mas era como eu vivia em casa, que é a cultura árabe, sendo marroquino, não estava bem (Terra, 2022, online).

Eu nasci aqui, mas minhas raízes estão lá, meu pai está enterrado lá e as pessoas gostam muito de mim lá. Aqui parece que sempre tentam encontrar algo negativo (UOL, 2022, online).

A identificação étnica não compreende apenas marroquinos, de acordo com a revista Vox (2022), mais de 71% dos 137 jogadores atuaram por conta da regra de ancestralidade da FIFA (Figura 6), e 22% foram de jogadores que migraram para um país e depois conseguiram se naturalizar, como é o caso do Catar e do jogador Mori. No caso africano, apenas um jogador, um atleta do Senegal, está enquadrado nessa categoria.

A questão identitária não invalida a questão de participação. Alguns ainda optam por jogar pelas seleções europeias, por conta de a seleção africana ser mais fraca tecnicamente, que pode ser o caso do congo belga Lukaku, porém ele salienta: “Quando jogo bem, falam na Bélgica sobre o atacante belga. Quando jogo mal, falam do atacante belga com raízes congolezas” (ESPN, 2018, online).

Figura 6 - Jogadores naturalizados divididos em três categorias: Ancestralidade (azul), migração natural (verde) e migração por motivos profissionais (amarelo).



Fonte: Revista Vox, 2022.

3.1 O “OUTRO” NO FUTEBOL

Todas essas declarações públicas vindas de jogadores de diferentes nacionalidades refletem um problema crônico na sociedade europeia: racismo, xenofobia e suas vertentes, como a islamofobia, que se tornam comuns no dia a dia do esporte mais popular do mundo. Tais discursos têm raízes atreladas ao colonialismo europeu no mundo e à “crise” migratória herdada dele, visto que mesmo após o processo de descolonização, os resquícios da exploração existem e ainda se reproduzem. Dificilmente uma colônia consegue se desprender totalmente da condição de colônia, de visão de Melo (2018):

‘Uma vez colônia, (quase) sempre colônia’. Esta frase significa que para uma ex-colônia, que se tornou independente no século XX, a descolonização é um diálogo intermitente com o passado colonial. Isto é, um diálogo que sofreu uma interrupção apenas momentânea, mas que aparece na vida social em situações significativas (Melo, 2018, p.180 *apud* Jacob, 2019, p. 27).

Essa linha de raciocínio compreende as teorias pós-coloniais, um conjunto de teorias que abordam, a questão identitária relacionada à descolonização de um povo, a partir do conhecimento através dos fatos que constituem a identidade pós-colonial. O pós-colonialismo não é sinônimo de decolonialidade, tendo, entre diferenças metodológicas, uma diferença em relação aos autores, o pós-colonialismo é mais sustentado por autores do território europeu,

principalmente Inglaterra e França, enquanto a decolonialidade é sustentada, principalmente, por autores latino-americanos, como por exemplo Enrique Dussel e Aníbal Quijano. Isso influencia na análise, principalmente quando tratamos de minorias dentro do espaço europeu. Pizarro, Rial e Rigo, definem pós-colonialismo, como:

Um conjunto de teorias que analisam os efeitos políticos, filosóficos, artísticos e literários, deixados pelo colonialismo, nos países colonizados. A teoria pós-colonial tornou-se conhecida, nos anos 1970, a partir do livro “Orientalismo”, de Edward Said, tido como a obra fundadora, descrevendo a relação social com a qual a Europa Ocidental, intelectualmente, dividiu o mundo em “Ocidente” e “Oriente”. O autor envolveu as denotações e conotações do termo ‘orientalismo’, principalmente como a figura do ‘outro’ (Pizarro, Rial, Rigo, 2021, p. 52-53).

Edward Said nasceu em Jerusalém, que na época integrava o mandato britânico da Palestina, e foi uma das referências intelectuais da causa palestina e do mundo árabe em geral. Outro pioneiro dos estudos pós-coloniais foi Frantz Fanon (1965), autor francês de origem antilhana de “Os condenados da terra” e “Peles negras, máscaras brancas”, e que foi considerado pai do nacionalismo africano pela influência nos movimentos de libertação nacional na África na década de 1960, tendo muitas influências de Sartre. Foi considerado símbolo na década de 60 na luta contra o colonialismo e o racismo na França, um dos países que mais recebeu, e recebe ainda, imigrantes na Europa. Populações estas que caracterizam as diásporas pós-coloniais.

O imigrante representa o papel principal dessas problemáticas na Europa, principalmente porque com o fim da segunda guerra mundial, em uma Europa que estava sendo reconstruída, a oportunidade de trabalho e a herança colonial da língua possibilitou a vinda de uma população que antes estava mais distante.

No período entre 1945 e 1970, a partir do Plano Marshall, os Estados Unidos começam seu projeto de reinserir a Europa pós-guerra no mercado capitalista, sendo suscetível à vinda de mão-de-obra, somado a um déficit populacional no continente, sendo atrativa para migrações de populações de países próximos, como Marrocos, Argélia e outros países que já tinham alguma relação colonial com alguns países europeus. Atraiu também populações do leste europeu e de alguns países do oriente médio. Essas populações migrantes tinham como principal atrativo a oportunidade de trabalho no continente europeu, característica que contrastava às vezes com o país de origem.

Grande parte dos atletas citados neste trabalho fazem parte desse contexto: “filhos das imigrações de trabalho que se transformaram em imigração de povoamento” (Sayad, 1998, p. 67 *apud* Freitas, 2019, p. 108), essa mudança fez com que os imigrantes encarassem o chamado “mito do regresso”, visto que, de acordo com Fenton (2003):

Inicialmente os trabalhadores tinham planos para regressar ao seu país de origem, mas foram se adaptando ao novo lar e, mesmo querendo um dia retornar para casa, jamais regressaram, o que foi se constituindo no chamado ‘mito do regresso’ (Fenton, 2003, p. 151 *apud* Freitas, 2019, p.109).

Porém, a necessidade da mão de obra fez com que aquelas tradicionais sociedades europeias tivessem que lidar com um “outro” que agora não estava mais tão distante. Conflitando não com uma fronteira física, mas sim com uma fronteira identitária.

As sociedades europeias – como em Portugal, Inglaterra e França – se viram forçadas a redefinir suas fronteiras identitárias. O outro – ‘africano’, ‘negro’, ‘árabe’, ‘ex-colonizado’ –, que antes se encontrava no ‘além-mar’, passou a ocupar espaços próximos demais, como as ruas, os centros comerciais, as escolas, as áreas de lazer (como as arquibancadas dos estádios), os locais de trabalho (como os gramados de futebol) e os bairros residenciais das próprias cidades europeias (Oliva, 2015, p. 401).

Longe de ser uma integração, a sociedade europeia apenas assimilava essa nova população. Termos contrastantes e com um resultado complexo, tendo muitas vezes a negação da identidade do outro.

A primeira (integração) promove a participação, dentro da sociedade nacional, da expressão da pluralidade e diversidade de seus elementos, tolerando as diferenças e procurando incorporá-las para contribuir com o enriquecimento da sociedade. A assimilação, por sua vez, absorve a cultura diversa, englobando-a e dissolvendo-a dentro da cultura dominante, por isso, considera-se a assimilação como a negação da identidade do outro, através da privação de sua autonomia cultural, social e étnica (Helisane Mahlke, 2005, p. 48 *apud* Oliva, 2015, p. 403).

Os imigrantes se instalaram em espaços periféricos, realizando trabalhos que, muitas vezes, não interessavam ao europeu, como o comércio, transporte, limpeza, entre outros, só que constituem família, e esse descendentes de primeira e segunda geração, que também eram marginalizados porque tinham “um maior risco de exclusão social, evasão escolar e desemprego, em comparação com os cidadãos nativos” (Eurostats, 2011, p. 21 *apud* Freitas, 2019, p. 109), acabam conseguindo outras oportunidades além de setores pouco rentáveis. O futebol acaba sendo um deles, principalmente com o superfaturamento do esporte no início na década de 1990. O “pé-de-obra” mais multicultural.

Esse novo perfil da população, com imigrantes e seus descendentes que se percebiam, ou pelo menos tentavam se sentir, integrados às sociedades europeias, por impossibilidade de retorno ou desejo de permanência, fomentou em países com a França um novo paradigma identitário. Paralelamente a isso, intelectuais, ativistas e políticos, tentavam teorizar e explicar as novas configurações das identidades nacionais.

É neste contexto que as teses do multiculturalismo passam a refletir a nova realidade das cidades europeias. O multiculturalismo procura explicar a realidade pluricultural das cidades europeias na época. Os movimentos pós-coloniais haviam fundado outra Europa, mais

complexa, híbrida e plural. Anderson Ribeiro Oliva, cita Stuart Hall, que explica os conceitos de multicultural e multiculturalismo:

Multicultural é um termo qualificativo. Descreve as características sociais e os problemas de governabilidade apresentados por qualquer sociedade na qual diferentes comunidades culturais convivem e tentam construir uma vida em comum, ao mesmo tempo em que retêm algo de identidade ‘original’. Em contrapartida, o termo ‘multiculturalismo’ é substantivo. Refere-se às estratégias e políticas adotadas para governar ou administrar problemas de diversidade e multiplicidade gerados pelas sociedades multiculturais. É usualmente utilizado no singular, significando a filosofia específica ou a doutrina que sustenta as estratégias multiculturais. [...] Longe de ser uma doutrina estabelecida, o ‘multiculturalismo’ é uma ideia profundamente questionada. É contestado pela direita conservadora, em prol da pureza e integridade cultural da nação (Hall, p.50-51 *apud* Oliva, 2015, p.409).

Como nos lembra Gil (2008), o multiculturalismo surgiu “como uma força centrífuga, relativamente à cultura do centro, afirmando a defesa incondicional dos direitos das minorias, relativamente a práticas de homogeneização forçada, e sobrepondo as formas de pertença a uma cultura de origem aos modelos de acolhimento num espaço outro”.

Porém, para a população europeia, o multiculturalismo e a disputa no mercado de trabalho também não foram ideias integradas, às vezes nem assimiladas.

Um fator que não agradou grande parte da população francesa e se tornou uma questão política e econômica nos países de destino. Tal desdobramento muda a visão, após a crise econômica, de colaboradores realizando trabalhos indesejados pelos europeus, para competidores estrangeiros privando-lhes de emprego. Dessa forma, inicia-se uma fase de xenofobia na França e cria-se uma visão dos imigrantes africanos como o inimigo a ser combatido. Porém, a grande maioria dos novos moradores tinham a intenção de construir uma residência permanente no país, o que, no futuro, leva a muitos filhos de descendentes africanos no continente europeu, e por conta do preconceito instituído, a procura por oportunidades indesejadas, dentre elas, a carreira de jogador de futebol (Souza; Salles; Santana; 2022, p.3).

4. CASO FRANCÊS

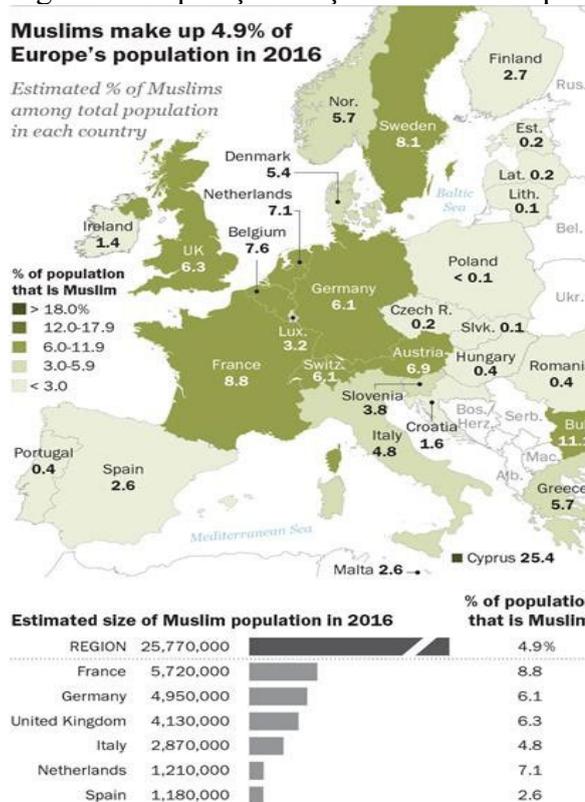
Mantenho a atenção do recorte francês. A preferência pelo país europeu para analisar as seleções africanas na Copa do Mundo de 2022 se dá por alguns pontos. O império colonial francês foi extenso, compreendendo em grande parte os países do continente americano e africanos, nesse segundo polo, regiões como do Magrebe, Sahel, África Ocidental e Central, de maioria muçulmana. Não à toa, 4 das 5 seleções africanas que disputaram o evento são ex-colônias francesas. Foi o segundo país que mais teve colônias no mundo, perdendo apenas para a Inglaterra, porém é um dos países europeus que tem a maior população islâmica (Figura 7) e negra na Europa, que se relaciona com os movimentos pós-coloniais abordados no capítulo anterior, conseqüentemente problemáticas ocorrem, tendo uma presença muito forte de casos de islamofobia e racismo, principalmente depois do massacre do Charlie Hebdo em 2015, de acordo com a matéria “*Popular podcast asks France if it really is 'colorblind'*” da revista Financial Times (2021):

Um relatório histórico de 2017 descobriu que os jovens considerados árabes ou negros tinham 20 vezes mais probabilidade de serem parados para uma verificação de identidade do que o resto da população, enquanto os candidatos a empregos com nomes que soavam africanos ou árabes tinham menos probabilidade de serem contratados. por grandes empresas, de acordo com um estudo governamental de 2020 (Abboud, 2021, tradução nossa).

A França também é um ponto importante de imigração na Europa. Entre 2004 e 2012 o país recebeu, anualmente, em média 200 mil imigrantes, levando em consideração apenas os que entraram legalmente no país. Em 2014, o Instituto Nacional de Estudos Econômicos (INED) francês estimou que o número total de imigrantes no país era de cerca de 7,6 milhões, entre esses 3,6 milhões eram de nacionalidade estrangeira e 2,3 milhões tinham adquirido a nacionalidade francesa.

Outro ponto relevante é que o país europeu, por ter passado por uma revolução, carrega consigo um sentimento maior de unidade nacionalista do que países como a Espanha

Figura 7 - População muçulmana na Europa.



Fonte: Pew Research Center, 2017.

por exemplo, o que favorece para um diálogo conflituoso com um “outro” que, de acordo com Appiah,

As nações geralmente importam mais para as pessoas que os Estados: a Sérvia mono étnica faz mais sentido para alguns que a Bósnia pluricultural; uma Ruanda hutu (ou tutsi) faz mais sentido para outros que uma cidadania pacífica compartilhada pelos hutu e os tutsi; apenas quando a Grã-Bretanha e a França tornaram-se nações-Estados os cidadãos comuns passaram a cultivar ser inglês ou francês (Appiah, 1998, p. 13).

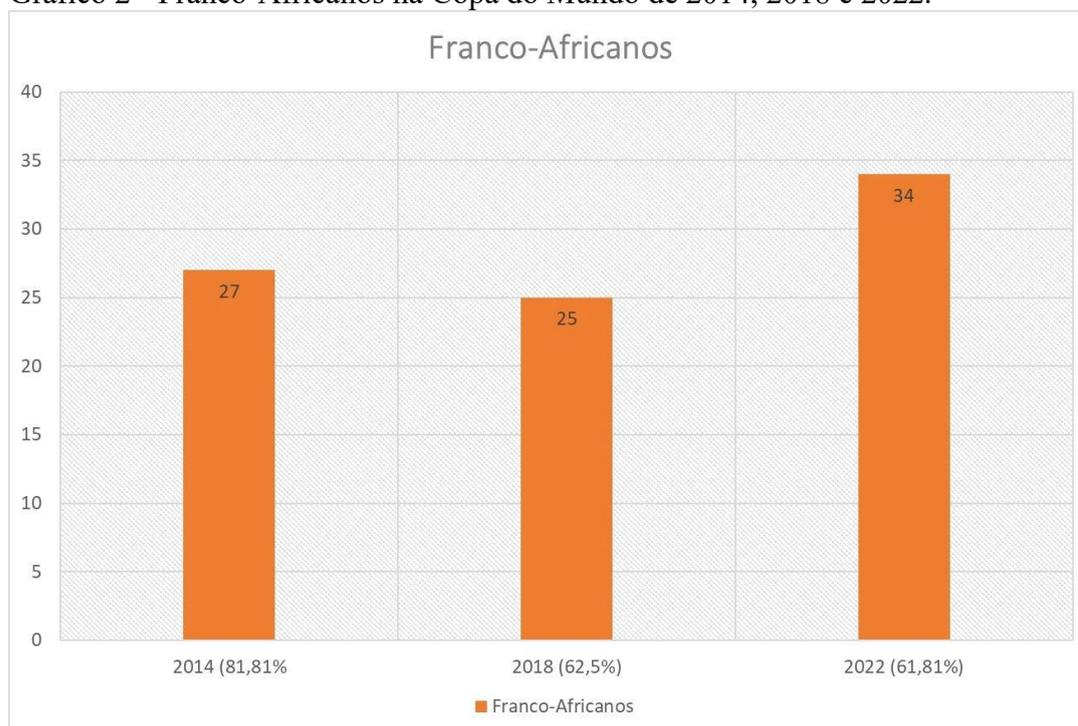
Mesmo que na Revolução Francesa houvesse uma defesa de direitos humanos, que inclusive acaba tendo relevância na jurisdição do Estado francês em relação a crimes de xenofobia e racismo, acaba muitas vezes por ter um efeito oposto e causar comportamentos de exclusão e racistas da sociedade francesa. Muitas vezes, essas discriminações são causadas pelo medo da perda da identidade, e essas atitudes podem influenciar nas decisões dos jogadores de futebol de dupla nacionalidade na Copa de 2022, sendo a maioria deles, franco-africanos.

4.1 FRANCO AFRICANOS

O ponto principal que importa para esta pesquisa é que grande parte dos atletas naturalizados africanos são franceses. Dentre os 55 naturalizados nas seleções africanas, 34 são franco-africanos, uma média de 61,81% na Copa de 2022 (Gráfico 2), e, nas últimas três Copas, uma média de 68,70%, tendo 25 jogadores no mundial da Rússia e 27 no mundial do Brasil.

Vale ressaltar que Marrocos, como já mencionado, aparece com a maior quantidade de naturalizados dentre as seleções africanas, porém com a menor de franco-africanos, com apenas 2 jogadores (21% dos naturalizados do time). Gana, no entanto, que não é uma ex-colônia francesa, mas sim inglesa, aparece com o dobro de jogadores franco-africanos (50%). O campeão de franco-africanos é a Tunísia, com 10 jogadores (80%), seguido por Senegal com 9 jogadores (75%) e, por fim, Camarões com 8 jogadores (88%). Destes, 13 são do Magrebe (38,23%) e 21, da África Subsaariana (61,77%).

Gráfico 2 - Franco-Africanos na Copa do Mundo de 2014, 2018 e 2022.



Fonte: Elaboração própria.

Quantitativamente, é evidente a presença majoritária de franco-africanos na Copa e, principalmente, o ambiente pluricultural que está presente na França hoje em dia. Algo interessante também no que diz respeito à imigração é que a obtenção da cidadania francesa é mais simples do que em outros países europeus, favorecendo uma sociedade mais multicultural. Atualmente, na França, a aquisição da nacionalidade pode acontecer das seguintes maneiras, segundo o Ministério do Interior Francês (2016):

- a) Por conta do nascimento: a criança nascida na França ou no exterior que tenha pelo menos um dos pais nascidos na França (direito de sangue); a criança nascida na França quando um dos pais pelo menos é francês (duplo direito de solo); a criança nascida na França de dois pais apátridas (direito simples de solo)
- b) Por maior idade: para a criança nascida na França filha de dois pais estrangeiros o artigo 21-7 do Código Civil Francês sujeita a aquisição de pleno direito a uma condição de residência contínua ou descontínua na França de 5 anos após a idade de 11 anos. No entanto, o menor pode adquirir a nacionalidade francesa por antecipação, assinando uma declaração a partir da idade de 13 anos (Ministério do Interior Francês, 2016 *apud* Novaes, 2018, p.83).

Em 2014, foi estimado que 7,6 milhões eram imigrantes legais no país. Outro dado importante, de acordo com o Instituto Nacional de Estudos Econômicos (2014), a população imigrante na França está cada dia ficando mais pluricultural:

A imigração em larga escala ao país levou à formação de uma sociedade bastante pluricultural. Ainda segundo o instituto, a composição da população imigrante também está mudando, imigrantes nascidos na Espanha ou na

Itália, que vieram há muito tempo, e agora idosos, são proporcionalmente menos numerosos, enquanto os nascidos no Magrebe, mais recentes, mais jovens, formam uma parte importante dos imigrantes de hoje. A parcela de pessoas da África subsaariana ou da Ásia também aumentou nos últimos anos (INED, 2017, *apud* Novaes, 2018, p.53).

Porém, como dito anteriormente, tais circunstâncias favorecem um diálogo mais conflituoso com populações que antes estavam além-mar. As populações, que são compostas em maioria por árabes, de religião islâmica, e negros, estão separadas do mundo europeu, até mesmo dentro do espaço geográfico, onde os bairros mais precários são também os que possuem uma taxa de desemprego alta, e “Imigrantes que compreendem 42% dos residentes contra apenas 10% de população francesa” (L’EXPRESS, 2011). (Novaes, 2018, p.87)

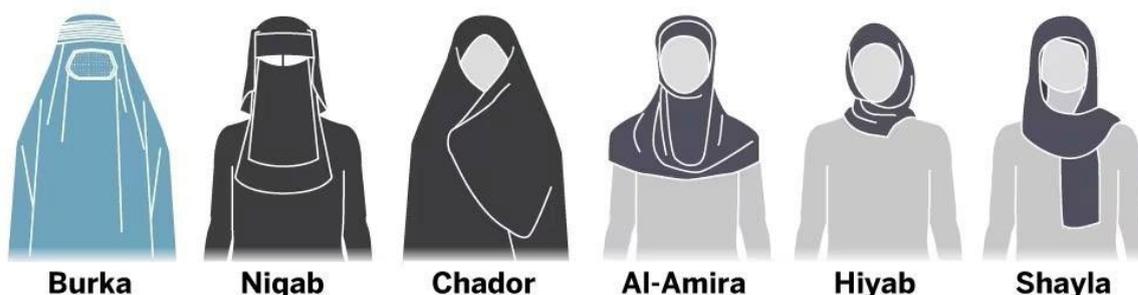
Dentro da segregação espacial, “o outro”, que antes estava em outro continente, agora está no bairro ao lado. As populações de etnias similares criam comunidades em prédios, quarteirões e vizinhanças, como forma de proteção de identidade e de resistência contra a discriminação racial e a etnicização das relações sociais, que vira um dos ingredientes para a xenofobia, muitas vezes, velada na França, e conseqüentemente para o processo decisório de naturalização de jogadores nos países africanos.

4.2 XENOFOBIA NA FRANÇA

Dia 28 de Agosto de 2023, uma matéria da Rede Globo noticiava o veto oficial do governo francês em relação ao uso de abayas⁴ nas escolas públicas francesas, uma medida bancada pelos partidos de direita do parlamento francês, alegando que o Estado é laico e que o uso das típicas vestimentas pretas muçulmanas não respeita a secularidade. Vale ressaltar que as abayas não devem ser confundidas com o hijab (Figura 8), véu proibido desde 2004, apesar de terem que ser usados juntos de acordo com o islã.

Figura 8 - Os diferentes tipos de véus islâmicos.

Tipos de velo islâmico



Fonte: El País, 2017.

⁴Um vestido ou manto longo, que vai dos ombros ao chão e cobre todo o corpo, exceto cabeça, pescoço, mãos e pés.

Entretanto, uma matéria da BBC News Mundo relatou que dia 4 de setembro, quando começou o ano letivo francês, mais de 300 alunas foram para o primeiro dia de aula vestindo a roupa que as identifica com sua cultura, e que após conversas com a escola, concordaram em se vestir de maneira diferente. Porém, 67 alunas se recusaram e foram mandadas de volta para casa. Há também casos mais antigos, provando que não é uma situação recente esse conflito da religião com o Estado francês.

Em 1989, a não permissão da entrada de três garotas norte-africanas em uma escola francesa por portarem o véu islâmico, não produziu uma onda de protestos e revolta entre os estrangeiros, apenas suscitou um debate político sobre os direitos destes e sobre como questões desse cunho deveriam ser tratadas. Muitas vezes um comportamento de mais passividade em relação à forma como são tratados, do que de violência (Novaes, 2018, p. 82).

O que aconteceu posteriormente à esse episódio foi um debate levantado na época que demonstrou muito mais uma tentativa do governo francês de manter seu Estado laico (1905) do que um lugar de fala dos muçulmanos em defesa de sua cultura ou em prol de fazer o Estado entender por que o véu não era apenas uma vestimenta, mas como fazia parte de sua própria identidade.

Em 1983, imigrantes, cansados da intolerância e dos maus tratos por parte da população francesa, prepararam uma marcha pacífica pela igualdade e contra o racismo, saindo de Marselha, no sul da França, em direção a Paris. A campanha reivindicava principalmente a tomada de medidas contra o racismo, a violência da polícia e a dupla punição (muitas vezes imigrantes cometiam delitos e além de serem punidos pela justiça, eram também deportados).

As problemáticas políticas na França ligadas à imigração se dão muito mais pelos sentimentos anti-imigrantista desenvolvidos pelos nativos do que por uma revolta literal dos imigrantes em si. Como aponta Hein (2004, p. 74):

Em vez de o Islã ser uma fonte de instabilidade política na França, um problema muito mais sério tem sido os sentimentos anti-imigrantes entre os nativos. O nativismo existia na França muito antes da chegada dos imigrantes contemporâneos. Em 1893, perto de Marselha, uma multidão francesa que somava mais de 500 pessoas matou 7 imigrantes italianos e feriu outros 40, após a contratação de imigrantes com salários mais baixos do que os nativos. Além dos ataques nativos contra os argelinos na França durante o movimento de independência da Argélia (1954-1962), o nativismo carecia de uma fundação política até o início dos anos 80. (Hein, 2004, p. 74 *apud* Novaes, 2018, p.82 tradução nossa).

O partido de extrema direita francês, hoje em dia chamado de Reagrupamento Nacional, comandado por Marine Le Pen, filha de Jean-Marie Le Pen, é conhecido pelos fortes apoios às políticas anti-imigração. Apesar disso, o país tem também uma tradição

antirracista e de combate à xenofobia que é firmemente presente no sistema legal, principalmente por conta do processo revolucionário francês, que tinha, ao menos teoricamente em seus princípios, a igualdade e a busca de uma sociedade mais justa, como principal bandeira. De acordo com a medidas do Governo Francês (2017), as multas para casos de discriminação podem chegar a 45.000 euros.

Atualmente insultos que estejam ligados à discriminação, ao ódio ou a violência racista, podem gerar uma 83 multa de 1500 euros ao agressor, caso o fato não tenha sido feito publicamente. Para os casos cometidos em público, a multa pode chegar a 45.000 euros e ainda ser acompanhada de penas complementares, como a prisão por um ano, segundo o artigo 24, incisos 6 e 8 da lei de 29 de julho de 1881 (Novaes, 2018, p. 82).

Porém se analisarmos outras leis, vemos uma certa incoerência, tendo uma constituição que assegura algumas coisas, mas são discriminatórias o tanto quanto.

Muito embora leis como as citadas procurem salvaguardar o imigrante, outras, como a lei de outubro de 2010 (que proíbe o uso de qualquer item que esconda a face em lugares públicos, dentre eles o véu muçulmano), criam uma certa inconsistência ou paradoxo no respeito às diferenças de raça, credo, religião e identidade. Por um lado, o governo pretende permitir uma maior integração dos imigrantes e protegê-los e, por outro, cria leis que ferem a identidade e liberdade religiosa desses imigrantes (Novaes, 2018, p. 83).

Mas a violência do Estado francês existe e está muito presente, por exemplo, com a morte de Nahel Merzouk em 2023, um jovem francês de 17 anos que tinha ascendências magrebins, e que foi morto pela polícia por supostamente desobedecer a uma ordem policial. Tal evento desencadeou uma onda de manifestações na França. De forma similar, em 2005, houve uma onda de manifestações após a morte considerada acidental de dois jovens de origem africana que fugiam de uma batida policial em um dos subúrbios de Paris. Nas noites seguintes, até o dia 18 de novembro, a revolta se espalhou por duas centenas de localidades, quando foram queimados mais de 9 mil carros, mais de uma centena de policiais foram feridos, dezenas de prédios atacados, quase três mil pessoas foram presas e centenas condenadas. O ex-presidente da época faz comentários sobre a chamada “Insurreição de 2005”:

Como nos lembra Luís Antonio Groppo, no dia anterior ao início da insurreição de 2005, em 26 de outubro, o então ministro do Interior, Nicolas Sarkozy, ‘chamou os moradores de um prédio a ser demolido em Argenteuil, na periferia de Paris, que resistiam à evacuação, de racaille (cujas traduções, como escumalha, gentalha ou ralé, não dão conta de todo seu caráter ofensivo)’ (Oliva, 2015, 399 - 400).

Quando tratamos de políticas de uma instituição esportiva, a xenofobia do estado francês visto até então respinga na Federação Francesa de Futebol (FFF), onde em 2010 a

mudança no cardápio dizia muito mais sobre preconceito em um momento de crise no futebol francês do que sobre rendimento esportivo atrelado a alimentação.

No Verão de 2010, logo após assumir o comando dos Les Bleus⁵, Laurent Blanc tomou a decisão de retirar do cardápio preparado aos atletas a carne halal⁶. Talvez, para minimizar o impacto de sua decisão, a carne de porco⁷ também seria abandonada, como sinal de respeito aos jogadores muçulmanos. No entanto, a retirada dos dois tipos de carne do menu apenas aguçava o paladar da incompreensão acerca da nova dinâmica identitária francesa. O agravante nisso tudo era o fato de a carne de porco quase nunca ser servida nas refeições dos jogadores por ser considerada gordurosa demais.

Outra denúncia que rondava a FFF acerca da intolerância com os atletas muçulmanos foi protagonizada em 1997, quando alguns funcionários da DTN ordenaram a revista das bolsas pertencentes aos jogadores de origem magrebina da seleção nacional sub-17 para verificar se estariam carregando seus tapetes de oração (Oliva, 2015, p. 419).

Tal acontecimento se liga aos outros citados, porém, é um pouco diferente, já que no primeiro está na pauta francesa a questão dos direitos humanos ou dos “seculares valores franceses de igualdade”, ou seja, a proibição dos véus integrais, da burca, da niqab, ou das Abayas é, para alguns, uma defesa dos direitos humanos, em uma visão ocidentalizada. Porém, “quando há a retirada da carne halal das refeições dos jogadores ou há o desconforto de alguns jovens atletas terem suas bagagens fiscalizadas para saber se transportavam tapetes de oração, a atitude é uma intolerância clara” (Oliva, 2015, p. 419).

Tudo isso pode ser resumido em uma pergunta: “O que é ser francês?”. Uma declaração pode confirmar duas França diferentes. Um ano antes da Copa do Mundo da África do Sul, a Argélia se classificou para disputar o mundial, depois de 24 anos sem conseguir se classificar, um time que seguia uma tendência diferente do comum:

23 jogadores argelinos que disputariam o mundial no ano seguinte, 17 haviam nascido na França, sendo descendentes de argelinos deslocados para o continente europeu na diáspora pós-colonial. A opção pela seleção nacional de seus ascendentes quebrava ou invertia uma tendência de naturalizações (Oliva, 2015, p. 420-421).

As ruas de Paris e de Algiers, capital da Argélia, estavam em clima de festa. Dentre esses jogadores que defenderam a seleção argelina, o defensor nascido na França Habib Bellaid, declarou o seguinte:

Já vesti as cores de todas as seleções de base francesas, até a sub-21. Apesar disso, não sinto nenhuma ligação com estas equipes. Estou persuadido de que, no fim das contas, para eles somos apenas uns árabes. Então, estes

⁵ Apelido da seleção francesa que significa azul, devido a cor do uniforme francês.

⁶ O abate do animal deve ser feito estritamente por uma pessoa muçulmana. Ela deverá pedir permissão à Alá como forma de obediência e agradecimento ao alimento. Além disso, os animais abatidos devem estar saudáveis em perfeitas condições físicas e aprovados pela autoridade sanitária competente

⁷ Os muçulmanos seguem o Alcorão, livro sagrado do islamismo que proíbe se alimentar da carne de porco.

jogadores que escolhem o país de suas famílias estão respondendo a uma chamada do coração (Torcedores, [...] 2010).

4.3 “BLANC, NOIR ET BEUR”

A seleção francesa de futebol, até 1998, nunca havia conquistado um título mundial, nem mesmo havia chegado em uma final. A melhor campanha tinha sido em 1958, com o artilheiro franco-marroquino Just Fontaine, o maior goleador da história de uma só Copa do Mundo, com 13 gols em seis jogos. Depois disso, demorou para a França chegar em algum pódio novamente. Conquistou uma Eurocopa em 1984, também na mesma década alcançou um quarto e um terceiro lugar na Copa do Mundo de 1982 e 1986, respectivamente. A seleção de 1984, comandada pela grande sensação da época Michel Platini, era bem diferente da seleção atual francesa, havia apenas um jogador de nacionalidade franco-africana, Jean Tigana, e havia também Didier Sixen, de nacionalidade franco-turca.

Os “Les Bleus” apenas conseguiram ser campeões quando a seleção ficou mais multicultural, em 1998: dos 23 jogadores, 11 tinham dupla nacionalidade com algum país fora da Europa. Eram eles: Bernard Lama Guiana - França; Marcel Desailly - Gana; Lilian Thuram - Guadalupe; Patrick Vieira - Senegal; Youri Djorkaeff - Armênia; Zinedine Zidane - Argélia; Bernard Diomède - Guadalupe; Alain Boghossian - Armênia; Christian Karembeu - Nova Caledônia; Thierry Henry - Guadalupe; David Trezeguet - Argentina.

Uma seleção que ganhou com propriedade de três a zero do Brasil de Ronaldo Fenômeno, em pleno território francês, comandada pelo melhor jogador da competição, e autor de dois gols na final, o franco-argelino Zinedine Yazid Zidane. A França entrou em festa, e naquela época, com as ruas cheias de bandeiras da França, e Argélia, a população, a mídia e o Estado abraçaram o multiculturalismo em um discurso conhecido como *Blanc, noir et beur*⁸ (branco, negro e árabe) (Figura 9).

Um dos discursos produzidos em meio à euforia pelo primeiro título mundial francês professava uma substituição das simbólicas cores da república – bleu, blanc et rouge (azul, branco e vermelho) – pela nova configuração étnica do país, espelhada na própria escalação da seleção campeã do mundo – blanc, noir et beur (branco, negro e beur) (Oliva, 2015, p. 399).

⁸ Termo pejorativo em francês para se referir a pessoas nascidas na França, mas de descendência magrebina.

Para completar, dois anos depois, a França consegue ser campeã da Eurocopa de novo, tendo novamente como melhor jogador o carrasco do Brasil. Talvez, para os nacionalistas franceses, tenha sido o momento em que Zidane, e mais outros jogadores, tenham sido considerados franceses de fato, porque quando o entusiasmo passou, principalmente quando a Europa começou a ter uma “crise” migratória, a França sem espaço no mercado mundial, e as derrotas da seleção nacional começaram a voltar, o sentimento de união e de felicidade de ter uma seleção pluricultural passou.

Na Copa de 2002, a França, até então a atual campeã, foi eliminada na primeira fase sem marcar nenhum gol, duas derrotas e um empate. Na copa seguinte, de 2006 na Alemanha, a França fica em segundo no grupo G, porém chega à final contra a Itália, passando pela Espanha, Brasil novamente, e Portugal no mata-mata, com atuações marcantes de Zidane, que renderam para ele o prêmio de melhor jogador da competição novamente. Porém, em junho de 2006, na véspera do jogo entre França e Espanha pelas oitavas de final, Jean-Marie Le Pen fazia a seguinte declaração: “Sentimos que a França não se reconhece totalmente nesta equipe. Talvez o técnico tenha exagerado na proporção de jogadores de cor. Talvez, nessa área, ele devia ter sido mais cuidadoso. Talvez tenha sido influenciado por sua ideologia” (Folha de S. Paulo, 2006 *apud* Oliva, 2015, p. 412).

No final daquele ano de 2006, outra declaração causaria enorme desconforto no país. Georges Freche, um político do sul da França, afirmava que era contra a grande quantidade de jogadores negros que atuava na seleção francesa. Freche teria proferido o seguinte comentário durante uma reunião com dirigentes esportivos de sua região: “nove dos onze jogadores da seleção francesa são negros. O normal seria ter três ou quatro. Tenho vergonha por este país. Desse jeito, logo serão onze negros [...]”. Na visão de Anderson Ribeiro Oliva (2015) isso se tratava de uma busca dos dirigentes de uma problemática tese de uma identidade “puramente francesa”:

Figura 9 - Capa do “Nouvel Observateur”, 16 de julho de 1998. Na imagem, Karembeu, Zidane e Emmanuel Petit.



Fonte: L’Obs, 2018.

Ou seja, aceitava-se o outro rosto da identidade francesa – negro ou magrebino –, mas na ‘dose certa’. Fosse isso resultado de uma compreensão estatística da composição da população francesa, fosse ainda a defesa de um princípio de representação de imagens – já que as seleções representam nações, a princípio – que não colocasse em risco alguns princípios da identidade nacional em França. Defendia-se, assim, um pressuposto ou crença de que existiria uma identidade ou uma cultura considerada puramente francesa. Tese essa que deve ser considerada extremamente perigosa, etnocêntrica e excludente (Oliva, 2015, p.412).

Enquanto na final de 1998 quase metade do time era de jogadores de dupla-nacionalidade, na final de 2006 mais da metade tinha essa característica, 17 dos 23. onde nas ruas da França as pessoas carregavam bandeiras da França e Argélia e gritavam “Zizou⁹ Presidente.” (Bacelar, 2017, p.315).

O jogo foi difícil, terminou 1x1 no tempo regulamentar, gol de Materazzi e Zidane. Uma dupla que protagonizou nesse jogo um conflito além da disputa da bola. Trocas de provocações e insultos entre os dois jogadores marcou a final, e quando faltavam 10 minutos para o jogo ir para os pênaltis, o jogador italiano disse algo para o craque francês, Zidane deu uma cabeçada no peito de Materazzi e foi expulso. França derrotada nos pênaltis. O italiano respondeu que foi algo “comum do futebol”, porém, Zidane contra respondeu que na verdade muitas das falas tinham um componente discriminatório. Aquele foi o último jogo na carreira como comenta Bacelar (2017),

As palavras que ouviu foram duras e cruéis, e ditas por várias vezes. Elas eram muito pessoais envolvendo sua mãe e sua irmã. E ainda havia o componente racista. Seu gesto foi apoiado por todas as pessoas da periferia parisiense e da Argélia. [...] se seu gesto tinha o sentido da perda da Copa do Mundo, ele também tinha reinventado o teatro. Era quase que, como seu ato final, Zidane tinha escolhido desconstruir o esporte, ao qual tinha devotado a vida (Bacelar, 2017, p. 316).

Apesar da derrota francesa, Zidane não perdeu o *status* de ídolo, porém, para alguns torcedores, o seu outro nome, Yazid, deve ter ficado mais na ponta da língua do que o nome Zinedine.

Em 2010, outro fracasso futebolístico, a França não passou da fase de grupos da Copa da África do Sul, e novamente sem vitória alguma. No dia 25 de junho – três dias após a derrota da seleção francesa em jogo contra a África do Sul –, a sede da federação francesa de futebol (FFF) foi invadida por um grupo formado por cerca de trinta torcedores que gritavam slogans racistas, islamóforos e xenóforos. O grupo reivindicava, entre outras intolerantes exigências, os seguintes pontos: “Diga ao sr. Escalettes¹⁰ que queremos uma seleção francesa branca e cristã, sem bougnoules, muçulmanos e negros... Diga a ele que vamos voltar e

⁹ Apelido de Zinedine Zidane, dado por Rolland Courbis, um de seus técnicos no time francês Bordeaux.

¹⁰ Jean-Pierre Escalettes, presidente da FFF na época.

quebrar tudo’. Os torcedores racistas/xenófobos também exibiam adesivos com os seguintes dizeres: ‘Aqui é Paris, não é a Argélia’ (Oliva, 2015, p.400).

Nessa nova década do futebol francês, novos grandes jogadores multiculturais surgiram, dentre eles Karim Benzema, que da mesma forma que Zidane, também era franco-argelino, característica que também recebeu de forma similar a atenção da extrema direita francesa. O jogador não canta o hino francês conhecido como a “Marselhesa”, principalmente pelo trecho “Às armas, cidadãos/ formais vossos batalhões/ marchemos, marchemos!/ Que um sangue impuro/ banhe nosso solo”.

Como de costume, Le Pen, dessa vez Marion Maréchal, neta de Jean-Marie, declarou “Que Benzema vá jogar pela Argélia”. Benzema já foi o melhor jogador do mundo, porém sempre teve uma relação conturbada com a seleção francesa. Na Copa de 2014, levou a França até às quartas, e em 2018, quando a França conseguiu ser bi-campeã, não foi convocado por polêmicas extra-campo.

O grande nome na Copa de 2018 foi o francês Antoine Griezmann, mas a revelação do campeonato foi Kylian Mbappé, franco-camaronês, e que foi o principal nome da França na Copa de 2022, hoje em dia ídolo com apenas 24 anos. Mbappé vive esse novo período de vitórias na seleção francesa, porém já pensou em desistir quando perdeu um pênalti, que custou a eliminação, nas oitavas de final da Eurocopa de 2020. O atleta recebeu diversos ataques racistas nas redes sociais, e quando se reuniu com Noel Le Graet, presidente da Federação Francesa de Futebol, mas não recebeu o apoio que esperava da federação, apesar disso, afirmou que não ia desistir:

“Não posso jogar para pessoas que pensam que sou um macaco. Eu não vou jogar”, contou o atacante durante entrevista à *Sports Illustrated*. [...] “Mas depois, tive uma reflexão com todas as pessoas que estão ao meu redor e torcem por mim, e acho que não foi uma boa mensagem desistir. Sou um exemplo para todos. Essa é a nova França. É por isso que não abri mão da seleção, pois é uma mensagem para a geração jovem: Somos mais fortes do que isso”, afirmou (ESPN, 2022, online).

Talvez, em um futuro próximo, outros casos de racismo e xenofobia possam acontecer, mas uma coisa é certa, tanto Zidane e Benzema quanto Mbappé preferem jogar pela França, mas não é de se estranhar caso algum franco-africano não queira ser considerado francês apenas quando vence.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No dia 6 de maio de 2011, após casos os casos de xenofobia vistos no ano de 2010, o jornal francês Libération publicou em sua capa a seguinte manchete: “*Le foot français est-il raciste?*” (O futebol francês é racista?), a qual levantou um debate na sociedade francesa. A resposta dessa manchete, dada à análise feita no presente trabalho, é evidentemente afirmativa. Na realidade, não apenas o futebol francês, mas o futebol europeu como um todo e, de forma indissociável, a sociedade, que europeia convive com o racismo e com a xenofobia. O futebol, dado por ser um esporte, uma diversão ou um lazer, poderia ultrapassar essa fronteira da discriminação, mas não. Hoje em dia, é difícil tratar o futebol apenas como entretenimento e dissociá-lo de questões consideradas mais sérias, como a política. A Copa do Mundo de 2022 é um marco na questão da naturalização e, conseqüentemente, identitária-política dos jogadores, por isso busquei fazer um recorte dessa discriminação e associá-lo com a Copa do Catar.

Começo a análise pela edição do torneio, analiso e discorro sobre os atletas naturalizados na Copa de 2022, tendo a quantidade numérica de jogadores naturalizados: 137, dos quais 55 (40%) estão nas seleções africanas, e 44 (32%), nas seleções europeias. No caso africano, que é a maioria, os times são: Marrocos, Tunísia, Camarões, Gana e Senegal, tendo todos uma quantidade significativa de atletas nascidos na Europa, principalmente França (62%), mas que optam por jogar pelas seleções africanas. Tentei entender a relação das problemáticas pós-coloniais entre os países africanos e a França e como isso influenciou na composição dessas seleções africanas na Copa.

Os motivos que verifiquei perpassam políticas favoráveis da FIFA, oportunidade de participação, mas principalmente a questão identitária no caso africano, em que verifiquei que a xenofobia em relação ao “outro” favorece a esse “outro” o sentimento de não se sentir igual, ou seja, não se sentir pertencente à sociedade civil europeia, comprovados a partir de declarações públicas de jogadores euro-africanos, como Ahraf Hakimi, Hakim Zyeche, Habib Bellaid, Amine Harit e Romelu Lukaku.

Todos esses jogadores euro-africanos carregam consigo raízes africanas atreladas à migração e às diásporas pós-coloniais para a Europa no pós-segunda guerra. No caso dos franco-africanos, como Bellaid e Harit, a convivência do francês europeu com o migrante ex-colono gera uma situação conflituosa, em que a xenofobia e racismo no país, corroboram um sentimento de não identidade europeia desses jogadores. Além disso, a identidade étnica, Vermeulen (2001) perpassa principalmente a questão racial, e a questão religiosa, que é muito presente no contexto dos jogadores franco-africanos, que estão muito presentes também na

seleção nacional francesa, e que gera conflitos no Estado francês, como aponta Anderson Ribeiro Oliva (2015):

Ou seja, apesar de ser a segunda maior religião praticada em solo francês – por milhões de imigrantes e franceses –, o islamismo não é percebido como parte integrante da identidade francesa. Neste caso, assim como nas outras três dimensões anteriormente abordadas – a da cor, a da origem e a do estilo –, o problema estaria, fundamentalmente, no olhar lançado sobre a França pós-colonial. A nova França está lá. Nas ruas, praças, escolas, mesquitas, restaurantes, mercados, nos nomes e sobrenomes, nos campos de futebol e na seleção nacional. No entanto, muitos não conseguem vê-la, ou não querem vê-la. (Oliva, 2015, p.419-420).

Quando a população francesa aceita essa “nova França”, é em momentos de otimismo nacional, quando tudo está bom, seja na economia ou na seleção francesa, visto por exemplo no discurso intitulado “*blanc, noir et beur*”, produzido em meio à euforia pelo primeiro título mundial francês, que substituía “*bleu, blanc et rouge*” (azul, branco e vermelho) pela nova configuração étnica do país, espelhada na própria escalação da seleção campeã do mundo: Blanc (jogadores brancos), Noir (jogadores negros), e Beur (jogadores árabes). Porém, quando as coisas começam a dar errado no futebol, como em 2002 e 2010, a “antiga França” quer se proteger, como Elis Novaes (2017), aponta:

O que ocorre na França parece ser, de fato, uma dificuldade de saber como lidar com o diverso, fruto de uma formação histórica preconceituosa e xenófoba. O desgaste de décadas de tradição migratória combinado com um quadro social e econômico depreciado, leva a uma responsabilização desse imigrante das dificuldades enfrentadas pela nação francesa. Apesar do aparente paradoxo mencionado, deve ser ressaltado que o problema da imigração francesa não se encontra ancorado apenas na legislação, mas também no desenvolvimento entre os nacionais de um sentimento de rejeição quanto à presença imigrante, principalmente daqueles advindos de antigas colônias, por serem de raças distintas e apresentarem uma cultura e modo de vida ímpares, frequentemente atrelados ao Islamismo (Novaes, 2017, p.83).

Os movimentos pós-coloniais fazem com que uma nova França se crie, uma nova seleção se construa, mas a sociedade tradicional muitas vezes não acata essa nova ideia e acaba tendo atitudes de discriminação, tanto velados quanto explícitas, que fazem com que atletas, citados nesse trabalho, façam escolhas diferentes das que eram comuns nas outras Copas do Mundo: defender as seleções africanas.

O presente trabalho poderia ter avançado mais na reflexão teórica pós-colonial, nas obras de Frantz Fanon (1952) e Edward Said (1978), porém foram autores que fui conhecer recentemente, principalmente por não serem autores abordados com frequência no curso de geografia. De todo modo, me geraram um maior interesse em aprofundar o debate pós-colonial, que é extremamente atual, e que leva, dentro do futebol, a uma superação da

fronteira de apenas um entretenimento, e sim um conjunto de fatores muitos complexos e sociais.

Também compreendo que este trabalho agrega no debate sobre naturalizados na Copas do Mundo, visto que é algo crescente e recente, ou seja, ainda não há tantos trabalhos feitos sobre o tema, e os que existem, corroboraram muito a abordagem deste. Muitas das vezes, os autores são recorrentes, mas à medida que há Copas do Mundo, o número de naturalizados cresce, e o interesse do meio acadêmico também. A próxima Copa será em 2026, no México, EUA e Canadá, e terá 48 seleções, 16 a mais do que na de 2022. Resta ver se proporcionalmente o número de naturalizados vai aumentar.

Em última linhas, encerro com uma última declaração pública de um jogador franco-africano, Lilian Thuram, um dos representantes da seleção “*blanc, noir et beur*” em 1998, que um dia disse: “Sonho com um mundo no qual sejamos todos iguais na própria diversidade”.

REFERÊNCIAS

ABBOUD, L. **Popular podcast asks France if it really is 'colour blind'**. Financial times, Paris, 3 de setembro de 2023. Disponível em: <https://www.ft.com/content/c5eb14e4-e98b-438c-84d8-ce93e2e66cc4>. Acesso em: 21 de novembro de 2023.

APPIAH, K. A. **"Patriotas Cosmopolitas."** In: *Cosmopolitismo: Ética em um Mundo de Estranhos*, 1ª edição, São Paulo, Companhia das Letras, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/FKnTCHXrVMBBWrfJZKmZnh/> Acesso em: 24 maio 2023.

BACELAR, J. **Futebol e política racial: uma França explode!**. *Afro-Ásia*, Salvador, n. 55, 2017. DOI: 10.9771/aa.v0i55.24315. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/24315>. Acesso em: 22 nov. 2023.

EL PAIS, **Como identificar os diferentes tipos de véus islâmicos**. Goldschmidt, David Alameda, Madrid, 18 de agosto de 2016. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/08/16/internacional/1471347181_490989.html. Acesso em: 15 de novembro de 2023.

ESPN. **Como o congo tem quase um time inteiro na semifinal da copa do mundo**. Igor Rezende, São Petesburgo, 10 de julho de 2018. Disponível em: https://www.espn.com.br/futebol/artigo/_/id/4524533/como-o-congo-tem-quase-um-time-inteiro-na-semifinal-da-copa-do-mundo. Acesso em 24 de maio 2023.

ESPN, **Mbappé desabafa sobre racismo na França: 'Não posso jogar para pessoas que pensam que sou um macaco'**, ESPN, 11 de novembro de 2022. Disponível em: https://www.espn.com.br/futebol/copa-do-mundo/artigo/_/id/11213831/mbappe-desafa-racismo-franca-nao-posso-jogar-pessoas-pensam-macaco. Acesso em: 19 de novembro de 2023.

FIFA. **Handbook Legal 2022**. FIFA, 2022. Disponível em: <https://www.fifa.com/legal/media-releases/fifa-publishes-2022-edition-of-legal-handbook>. Acesso em: 17 de Novembro de 2023.

FREITAS, G. S. P. de. (2019). **Futebol e imigração: Os imigrantes e seus descendentes representados nas seleções nacionais europeias**. *TRAVESSIA - Revista Do Migrante*, (85), 101–114. <https://doi.org/10.48213/travessia.i85.404> Acesso em: 24 de maio de 2023

GLOBO ESPORTE. **Jorginho explica escolha pela Itália ao invés do Brasil: "Quando mais precisei, estava ali por mim"**. Globo Esporte, Londres. 1 de setembro de 2021. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/jorginho-explica-escolha-pela-italia-ao-inves-do-brasil-quando-mais-precisei-estava-ali-por-mim.ghtml>. Acesso em: 24 maio 2023.

GLOBO ESPORTE. **Semi cosmopolita: França x Marrocos reúne seleções e nações moldadas pela migração**. *Globo Esporte*, Doha, 14 de dezembro de 2022. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/2022/12/14/semi-cosmopolita-franca-x-marrocos-reune-selecoes-e-nacoes-moldadas-pela-migracao.ghtml>. Acesso em: 24 maio 2023

GLOBO ESPORTE. **As mães do Marrocos: como o islã explica cenas que emocionaram e viralizaram na Copa do Mundo.** Globo Esporte, Recife 16 de dezembro de 2022. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/selecoes/marrocos/noticia/2022/12/16/as-maes-do-marrocos-como-o-islã-explica-cenas-que-emocionaram-e-viralizaram-na-copa-do-mundo.ghtml>. Acesso em: 24 maio 2023.

GLOBO ESPORTE. **As mães do Marrocos: como o islã explica cenas que emocionaram e viralizaram na Copa do Mundo.** Globo Esporte, Recife 16 de dezembro de 2022. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/selecoes/marrocos/noticia/2022/12/16/as-maes-do-marrocos-como-o-islã-explica-cenas-que-emocionaram-e-viralizaram-na-copa-do-mundo.ghtml>. Acesso em: 24 maio 2023.

HOBBSAWM, E. J. **Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade.** Rio de Janeiro: Paz e terra, 2011. Acesso em: 22 novembro 2023.

JACOB, F. E. **Fluxos migratórios no futebol: uma análise geográfica da copa do mundo da FIFA 2018.** 2019. 54 f. Trabalho de conclusão de curso (bacharelado - Geografia) - Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Campus Experimental de Ourinhos, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/203081>. Acesso em: 24 maio 2023.

KUSTURICA, E, (Diretor). **Maradona by Kusturica.** 2008. 90 minutos. Produção de José Ibáñez Distribuidora: Wild Bunch Distribution, 2008. Acesso em: 22 novembro 2023.

LE NOUVEL OBSERVATEUR. **Coupe du Monde 1998: "Blacks, blancs, beurs : pourvu que ça dure..."**. Sébastien Billard et Thierry Noisette, Paris, 26 de junho de 2018. Disponível em: <https://www.nouvelobs.com/sport/coupe-du-monde-2018/20180612.OBS8054/coupe-du-monde-1998-blacks-blancs-beurs-pourvu-que-ca-dure.html>. Acesso em: 20 de novembro de 2023.

MELO, L. M. S. **O futebol africano na Europa: os casos de Portugal e França como destino migratório de jogadores das suas ex-colônias.**, 2017. Rev. Cadernos de Campo, revista de ciências sociais n. 23 | p. 141-167. Acesso em: 22 novembro 2023.

MORI, Rogelio Funes Mori: **I am eligible, I want to be in the Mexican National Team**, as, México, 11 de Outubro de 2023. Disponível em: <https://en.as.com/soccer/rogelio-funes-mori-i-am-eligible-i-want-to-be-in-the-mexican-national-team-n/>. Acesso em: 09 de novembro de 2023.

NOVAES, E. S. **A ascensão do discurso xenófobo na França: a contribuição do partido Frente Nacional (1982-2017).** 2019. f. Trabalho de Conclusão de Curso (Relações Internacionais) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/28284>. Acesso em: 12 de novembro de 2023.

OLIVA, A. R. **Identidades em campo: discursos sobre a atuação de jogadores interculturais de origem africana e antilhana na seleção francesa de futebol.** Revista de História (São Paulo), São Paulo, n. 173, p. 395-425, jul./dez. 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-83092015000200395&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 24 de maio de 2023.

PEW RESEARCH CENTER, **Europe's Growing Muslim Population**. Pew research center, 29 de novembro de 2017. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/religion/2017/11/29/europes-growing-muslim-population/>. Acesso em: 21 de novembro de 2023.

PIZARRO, J. S. M. RIAL, C. & RIGO, L. C. **Copa do Mundo de Clubes da FIFA (2010-2017): reprodução da colonialidade sob a perspectiva do Sistema-Mundo Moderno**. *CSONline - REVISTA ELETRÔNICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS*, (31). <https://doi.org/10.34019/1981-2140.2020.30224> Acesso em: 24 de maio de 2023

SOUZA, H. S. SALLES, Y. K. N. M. & SANTANA, B. M. **Futebol e sua descendência de imigrantes por um viés neocolonialista**, 2022. 17 f. Trabalho de conclusão de curso (bacharelado – relações internacionais) - Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/items/7aaeb4c7-769b-4406-a9f1-7018dca6ad46>. Acesso em: 9 de setembro de 2023.

STÉDILE, M. E. Clubes de futebol operário como espaço de autonomia e dominação. **Espaço Plural**, [S. l.], v. 14, n. 29, p. 15–44, 2000. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/espacoplural/article/view/10411>. Acesso em: 22 nov. 2023.

TERRA. **Astro do Marrocos na Copa, Hakimi revela o sentimento de enfrentar o país que nasceu: "Não era meu lugar"**. *Lance!*, 5 de dezembro de 2022. Disponível em: <https://www.terra.com.br/esportes/astro-do-marrocos-na-copa-hakimi-revela-o-sentimento-de-enfrentar-o-pais-que-nasceu-nao-era-meu-lugar,6ea35000bdf41ac4e9c9967555e46faboy4gug4k.html>. Acesso em: 24 maio 2023.

THE PLAYERS TRIBUNE, **Remember the name**. The players tribune, 18 de fevereiro de 2019. Disponível em: <https://www.theplayertribune.com/articles/remember-the-name-amine-harit-fc-schalke>. Acesso em 8 de junho de 2023.

UOL. **Torcedores invadem federação francesa pedindo exclusão de pretos e muçulmanos**. Uol Disponível em: <https://copadomundo.uol.com.br/2010/ultimas-noticias/2010/07/01/torcedores-invadem-federacao-francesa-pedindo-exclusao-de-pretos-e-muculmanos.jhtm>. Uol, São Paulo, 7 de Janeiro de 2010. Acesso em: 24 maio 2023.

UOL R. R. **Destaque da Copa foi chamado de 'estúpido' por ídolo por defender Marrocos**. Uol, 6 de dezembro de 2022. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/colunas/rafael-reis/2022/12/06/destaque-da-copa-foi-chamado-de-estupido-por-idolo-por-defender-marrocos.htm>. Acesso em 24 de maio 2023

UOL. **Jogador de Marrocos dança com a mãe no gramado após classificação; veja**. Uol, São Paulo, 11 de dezembro de 2022. <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/copa-do-mundo/2022/12/11/jogador-de-marrocos-danca-com-a-mae-no-gramado-apos-classificacao-veja.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 24 maio 2023.

VOX. **How migration has shaped the World Cup**. Disponível em: <https://www.vox.com/c/world/2022/12/8/23471181/how-migration-has-shaped-the-world-cup>. Acesso em: 24 maio 2023.